

**Não se faz mais jornalistas como  
antigamente: reflexões sobre a  
formação do profissional hipermedia**

**Don't do more journalists as before:  
reflections about the formation of  
hypermedia professional**



**KARENINE MIRACELLY ROCHA DA CUNHA<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Este artigo apresenta uma discussão sobre o ensino do Jornalismo no contexto das novas tecnologias da informação e da comunicação e à luz das novas Diretrizes Curriculares Nacionais. O objetivo é problematizar como as diretrizes devem ser entendidas e utilizadas para a organização dos projetos pedagógicos do curso no que diz respeito ao atual perfil do profissional hipermedia, cujas características devem ser atinentes ao perfil do egresso dos cursos. A metodologia utilizada para organização do estudo é a revisão bibliográfica.

**PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo. Tecnologias. Currículo. Ensino.

**ABSTRACT**

This article discusses the teaching of Journalism in the context of new information and communication Technologies subsided by the New National Curriculum Guidelines. The intention is to discuss how the guidelines should be understood and used for the hypermedia professionals, whose characteristics should be related to the graduate courses. The methodology used in the organization of the research is the literature review.

**KEYWORDS**

Journalism. Techonologies. Grade. Teaching.

Recebido em: 07/07/2015. Aceito em: 30/11/2015.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Especialista em Docência no Ensino Técnico e Superior pelo Centro Universitário Toledo (UniToledo). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Unesp. Professora do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC – Ministério da Defesa). E-mail: [kareninemrc@hotmail.com](mailto:kareninemrc@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9707036784411830>.

# Não se faz mais jornalistas como antigamente:

reflexões sobre a formação do profissional hipermídia

## 1 INTRODUÇÃO

Quase septuagenário,<sup>2</sup> o ensino do Jornalismo no Brasil encontra-se em meio a um importante marco pedagógico: todos os currículos dos cursos oferecidos pelas mais de 300 instituições de ensino superior brasileiras precisam estar organizados segundo as novas Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas pela Resolução nº 1 do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação (MEC) em setembro de 2013. Os estabelecimentos de ensino tiveram um prazo de dois anos para adaptação dos projetos pedagógicos de curso a partir das novas diretrizes.

Anteriormente à aprovação, uma comissão de especialistas foi nomeada pelo Ministério da Educação e trabalhou desde 2009 na reestruturação do ensino do Jornalismo, culminando com a produção de um relatório que serviu para fundamentar a mudança da legislação. Esse trabalho envolveu, inclusive, a realização de audiências públicas e discussões de docentes e coordenadores de curso em eventos específicos, como as reuniões nacionais e regionais do Fórum Nacional dos Professores em Jornalismo, dentre outros encontros científicos e acadêmicos.

O objetivo deste artigo é problematizar o ensino do jornalismo hipermídia<sup>3</sup> à luz das novas Diretrizes Curriculares Nacionais. O jornalista hipermídia é o profissional da era digital, tendo em vista que a linguagem hipermidiática é a base da comunicação digital (BAIRON, 2011). O jornalismo hipermídia é multimídia, hipertextual e interativo e valoriza as possibilidades de compartilhamento, características da comunicação digital.

A formação dos profissionais que exercem o jornalismo necessita, atualmente, abranger todas as nuances das mídias tradicionais analógicas bem

---

<sup>2</sup> O Decreto-Lei nº 5.480 criou em 1943 o curso de Jornalismo, mas somente em 1947 a Faculdade Cásper Líbero iniciou as atividades de ensino dessa profissão (ANTONIOLI, 2014). Em 1948, outro curso foi aberto na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, instituição que hoje é a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Para Ferrari (2011, p. 182), "hipermídia são todos os métodos de transmissão de informação baseada em computadores, incluindo texto, imagens, vídeo, animação e som." Para efeitos conceituais, este artigo amplia o conceito de hipermídia como adotado por Bairon (2011). Um produto jornalístico hipermidiático, além de multimídia, presente na concepção de Ferrari (2011), reúne as características da interação, do compartilhamento e do hipertexto, este último sendo entendido como o elemento que garante à comunicação digital a não-linearidade, cujo componente básico é o hiperlink que possibilita passar de um documento a outro (de uma notícia a um vídeo ou a outro site, por exemplo) ou mesmo passar de um ponto a outro do texto.

como dos atuais meios digitais, além das características da comunicação contemporânea voltadas à interação, como o fluxo contínuo de informação, a ruptura de polos de emissão e recepção e mobilidade, dentre outras. É a partir dessa necessidade que é engendrada a presente discussão sobre o ensino do jornalismo, balizada em parâmetros teóricos e conceituais da profissão na contemporaneidade, assim como nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Para tanto, consideram-se salutaros os objetivos do ensino de jornalismo divulgados pelo modelo curricular construído pela UNESCO:

O ensino do jornalismo deve considerar vários objetivos: ensinar a identificar notícias e reconhecer fatos de interesse em um ambiente complexo de dados e opiniões; ensinar a conduzir uma apuração jornalística; ensinar como escrever, ilustrar, editar e produzir material para diferentes formatos de mídia (jornais e revistas, rádio e televisão, e meios on-line e multimídia) para públicos também heterogêneos. [...] O ensino de jornalismo deve preparar os estudantes para se adaptarem ao desenvolvimento tecnológico e a outras mudanças nos meios de comunicação. (UNESCO, 2010, p. 6-7).

Antonioli (2006) faz um retrospecto da implantação dos cursos de Jornalismo no Brasil, com ênfase na legislação que respaldou a criação e desenvolvimento dos currículos. Em texto recente, Antonioli (2014) enfoca a implantação das novas diretrizes e a adequação dos cursos diante dessas exigências, que prevê um perfil de egresso capaz de trabalhar o jornalismo envolto em tecnologia, característica da profissão nos dias atuais.

A partir dessas proposições, este artigo contempla a transformação do profissional do jornalismo diante das novas tecnologias de informação e comunicação e como os projetos pedagógicos de curso devem materializar as diretrizes curriculares tendo em vista essas mudanças. Não é pretensão discutir as diretrizes e a evolução histórica da legislação a respeito do ensino superior de jornalismo, tampouco problematizar as encaloradas discussões sobre a exigência ou não do diploma de nível superior para exercício da profissão.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Em 2009, decisão do Supremo Tribunal Federal colocou fim à obrigatoriedade do diploma em Jornalismo para exercício da profissão, o que, na prática, significou a não exigência de formação de nível superior específica. A decisão judicial extinguiu a legislação de 1979 que regulamentava a profissão. Apesar disso, os cursos superiores de Jornalismo continuam em atividades, o que justifica o objetivo deste artigo: problematizar o ensino do Jornalismo diante das novas Diretrizes Curriculares Nacionais e no contexto tecnológico.

## **Não se faz mais jornalistas como antigamente:**

reflexões sobre a formação do profissional hiperídia

### **2 DO CURRÍCULO MÍNIMO ÀS DIRETRIZES**

Um importante diferencial das novas Diretrizes Curriculares Nacionais é a não configuração do curso de Jornalismo como uma habilitação da Comunicação Social, sendo considerado de maneira autônoma. Desde 1969, quando o Ministério da Educação criou o curso de Comunicação Social, predominava no Brasil a divisão por habilitações – além do Jornalismo, havia as de Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Editoração. Organizados por habilitações, os cursos tinham uma parte comum e outra específica para cada habilitação. Aliás, a questão do chamado currículo mínimo é anterior ao sistema de habilitações. Em 1962, o Ministério da Educação instituiu o currículo mínimo para os cursos, ou seja, as matrizes curriculares das instituições tinham uma parte comum, imposta pelo MEC, e outra que poderia ser organizada a sua escolha, conforme perfil desejado de egresso e peculiaridades regionais.

Na visão de Antonioli (2006), o curso de Comunicação Social criado na década de 1960 favoreceu economicamente as instituições de ensino superior, uma vez que possibilitou massificar o ensino em detrimento da formação de qualidade, que dependeria, entre outros aspectos, da priorização da identidade de cada habilitação, visto que normalmente a matriz curricular dos dois primeiros anos dos quatro em que o curso configurava-se era composta pelo currículo mínimo, generalista e sem foco na habilitação. A situação foi modificada em 2002, com a aprovação das Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social, que estabeleceram habilidades, competências e perfil do egresso e possibilitou às instituições de ensino superior trabalhar os projetos pedagógicos com maior flexibilidade, atendendo às demandas regionais (BRASIL, 2002).

Percebe-se que, já em 2002, as diretrizes, em detrimento dos currículos mínimos, colocou fim ao engessamento das matrizes curriculares definidas pelo poder público ao determinar disciplinas. A obrigatoriedade dos currículos mínimos cedeu lugar ao direcionamento das diretrizes. Como o próprio nome diz, as diretrizes são orientações para as instituições de ensino superior elaborarem os projetos pedagógicos e, como parte deles, as matrizes curriculares, indicando o perfil do egresso desejado para aquela situação e localização. É nesse sentido que este artigo destaca as orientações das diretrizes

que estão relacionadas ao perfil do egresso esperado, hoje considerado acima de tudo um profissional hipermídia no contexto tecnológico da contemporaneidade.

Entendido como um documento de planejamento, o projeto pedagógico de curso considerado pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais deve apresentar a organização, os objetivos, a matriz curricular com a carga horária, os aspectos da interdisciplinaridade, da pesquisa e da extensão e a concepção do trabalho de conclusão de curso, do estágio e das atividades complementares (BRASIL, 2013). Ainda que organizado a partir das diretrizes curriculares vigentes, um projeto pedagógico é um documento autônomo de cada instituição de ensino superior. O artigo 8º das Diretrizes Curriculares Nacionais reconhece que as instituições de ensino superior têm ampla liberdade para organizar os projetos pedagógicos e, com base nesse documento, propor a matriz curricular que esteja relacionada com o perfil do egresso desejado e particularidades regionais. Além de estar alinhado às diretrizes curriculares vigentes, um projeto pedagógico de curso de Jornalismo precisa servir à sociedade.

Multifacetado, o jornalismo é um ofício valorizado pela sociedade e considerado um sistema de poder; é uma profissão, cujo profissional é um intelectual produtor e articulador de informações e não só um técnico empacotador de notícias; é uma disciplina e um curso de nível superior<sup>5</sup> que disponibiliza formação teórica, técnica e ética. Por tudo isso, a formação do jornalista não se restringe às técnicas, pois é necessário conhecer a fundamentação teórica para antever tendências que propiciem a evolução das técnicas de produção, sobretudo no que concerne ao desenvolvimento tecnológico, e acompanhar as necessidades da sociedade.

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais preconizam a organização do curso de Jornalismo em seis eixos: fundamentação humanística, que envolve

---

<sup>5</sup> O jornalismo não é apenas um curso de graduação. É também disciplina, porque pode estar presente na matriz curricular de outros cursos de graduação e de pós-graduação, tendo em vista que hoje o jornalista profissional não é o único articulador e gestor da informação diante das possibilidades criadas pelo desenvolvimento das tecnologias. Exemplo disso é o ensino de Jornalismo no Curso de Comunicação Social (CCS) e no Curso de Auxiliar de Comunicação Social do Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC – Ministério da Defesa), cujo objetivo é a formação, respectivamente, de oficiais e praças para exercerem atividades de comunicação social nas diversas Organizações Militares.

## Não se faz mais jornalistas como antigamente:

### reflexões sobre a formação do profissional hiperídia

disciplinas preocupadas em proporcionar o entendimento da sociedade contemporânea; fundamentação específica, com o propósito de esclarecer conceitos pertinentes à comunicação e ao jornalismo; fundamentação contextual, focado no entendimento do contexto em que o jornalismo ocorre, como é o caso das teorias da comunicação e estruturação das mídias; formação profissional, composto pelos métodos e técnicas da profissão; aplicação processual, que desdobra os métodos e técnicas; prática laboratorial, que busca integrar todos os eixos de forma experimental.

## 3 MÁQUINA DE ESCREVER É COISA DO PASSADO

As práticas atuais do jornalismo e as tendências delineadas são permeadas pelo avanço das tecnologias da informática. São explicitadas a seguir dez características que compõem o jornalismo contemporâneo compreendido como prática da comunicação digital. Essas características devem ser trabalhadas nos projetos pedagógicos dos cursos, visto que a dimensão tecnológica faz parte das diretrizes curriculares e é um viés importante no perfil do egresso. São elas:

- a) convergência de mídias: a produção de notícia não é direcionada a um único meio de comunicação. No caso do tradicional jornalista de mídia impressa, o bloquinho de anotações pode até continuar a ser usado na apuração, mas é acompanhado por um equipamento para gravar vídeos e áudios. Assim, o jornalista é multimídia e polivalente;
- b) colaboração e compartilhamento: a audiência deixa o papel passivo dos sistemas de *broadcasting* e passa a atuar colaborativamente com o jornalista desde a apuração, criando o chamado conteúdo gerado pelo usuário. O fenômeno *crowdsourcing*, por exemplo, estrutura-se na descentralização e pulverização do centro produtor de informação – os grupos de mídia – para a periferia – a antiga audiência. A participação colaborativa pode dar origem a pautas, dados para reportagens, personagens para as narrativas, prestação de serviços ou mesmo descobrir tendências de consumo e segmentação dos produtos jornalísticos;
- c) redes sociais e compartilhamento: ao mesmo tempo, é possível compartilhar o que é produzido pelos jornalistas e o que é apurado pela

audiência, graças, muitas vezes, às redes sociais, que garantem mais relacionamento entre os atores da comunicação;

d) *big data* e curadoria: diante da quantidade exponencial de dados e informações disponíveis, cabe ao jornalista o papel de curador ao selecionar, organizar e disponibilizar o conteúdo (SIQUEIRA, 2014). Essa atividade sempre esteve presente no jornalismo, mas a oferta de dados e informações era bem menor. Hoje, o broadcasting da comunicação analógica cede espaço ao fenômeno *on demand* para consumo de notícias;

e) velocidade da informação: a era da informação digital caracteriza-se por um fluxo intenso de circulação de notícias. Siqueira (2014) lembra que a comunicação já havia ganhado velocidade com o telégrafo no século 19, que possibilitou o início da comunicação a distância ou a telecomunicação. Hoje, o jornalismo obedece a um fluxo instantâneo: na internet, as notícias são publicadas assim que o fato ocorre, ainda que com erros ou deficiência de informações, porque a mídia digital permite a autocorreção a qualquer momento, bem como a ampliação das informações disponibilizadas;

f) mobilidade: a computação ubíqua e a diminuição do tamanho dos equipamentos permitem o consumo e a produção de notícias em qualquer lugar, tendo em vista que se tornou mais fácil ter um correspondente em uma região geograficamente distante. A possibilidade de consumir notícia em qualquer lugar, graças à utilização de dispositivos móveis e das redes de banda larga, entre outros avanços tecnológicos, requer produção de notícia para plataformas diferenciadas. Ao mesmo tempo, esses dispositivos e a cultura da mobilidade enfatizam a oportunidade de colaboração e compartilhamento;

g) design de interação, organizado a partir da característica da multimídia. Um exemplo disso são os *newsgames*, jogos interativos informativos que dão ludicidade à informação. Essa característica deve ser entendida também como uma possibilidade de atrair a chamada geração Y, ou seja, os nativos digitais, que dominam de maneira intuitiva as tecnologias da informação e da comunicação, para quem o design analógico, sobretudo do jornalismo impresso, pode ser pouco atraente. De certa forma, essa característica aponta para a mistura do jornalismo com o entretenimento, deixando cada vez mais forte o conceito do infotainment;



## Não se faz mais jornalistas como antigamente:

### reflexões sobre a formação do profissional hipermídia

- h) o rompimento dos polos de emissão e recepção tradicionais faz com que não haja necessidade de *expertise* ou poderio financeiro dos grandes grupos de mídia para produzir e disseminar informações. Ainda que o produtor de informação de modo alternativo não tenha a significativa audiência dos grandes grupos, é fato notório que ele tem poder de mídia;
- i) hipertexto e o fim da linearidade, garantindo interação aos produtos jornalísticos disponibilizados. Isso ocorre porque o material é organizado em blocos de textos que destacam palavras, imagens, ícones etc., com função de interconectar outros blocos de textos, vídeos, áudios etc. A forma como a leitura ocorrerá depende do leitor, daí o caráter interativo. De certa forma, a internet é toda organizada em hiperlinks, que são esses elementos que permitem a interconexão e a ruptura linear;
- j) transformação de financiamento das empresas e produtos jornalísticos, visto que leva as empresas à atual reorganização de como cobrar por um conteúdo que é possível acessar gratuitamente na internet. Assim, é preciso encontrar novas formas de custeio e geração de receitas.

166 |

O projeto pedagógico de curso precisa organizar a matriz curricular, ementário, regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de atividades complementares a partir delas. O conhecimento e aplicação dessas características deve fazer parte do perfil do egresso.

## 4 DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO DO JORNALISTA CONTEMPORÂNEO

A preocupação a respeito das transformações provocadas no jornalismo pelas tecnologias da informação e da comunicação e, por conseguinte, no profissional, foi incorporada pelas novas Diretrizes Curriculares Nacionais, que preveem, no inciso primeiro do artigo 4º que a competência tecnológica, ao lado das tradicionais competências técnica, teórica, estética e ética, deve ser buscada pelas instituições de ensino no momento da composição do projeto pedagógico do curso. O mesmo artigo, no inciso V, contempla como indicativo dos projetos pedagógicos o preparo dos “profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para



transformá-las na medida das exigências do presente.” Ou seja, é preciso criar espaço no curso de Jornalismo para não apenas reproduzir o que é feito com as tecnologias, mas antecipar tendências, exercitando os valores do empreendedorismo, destacado pelas diretrizes, e da mudança social ocasionada pelo avanço tecnológico, que deve ser observada nas disciplinas voltadas ao conhecimento da sociedade contemporânea.

Uma vez que o caminho trilhado pela tecnologia no jornalismo distancia-se da mera transposição de conteúdo de um meio de comunicação tradicional para um digital, sem mudanças substanciais no preparo e apresentação da notícia, as novas diretrizes curriculares apresentam a necessidade de preparar o profissional especificamente para trabalhar com a notícia na era digital. A proposta, enfatizada no inciso VI do artigo 4º, reconhece a característica da convergência de mídias, mas chama a atenção que o meio impresso, mídia de grande projeção em projetos pedagógicos antigos, não deva ganhar o destaque tradicional que sempre gozou na maioria das instituições de ensino ou não passe simplesmente por uma adaptação. É necessário conceber disciplinas específicas que contemplem todas as possibilidades de interação, armazenamento de dados e atualização da apuração típicas do jornalismo digital.

Nesse sentido, uma das competências gerais indicada pelas diretrizes a ser desenvolvida no futuro profissional do jornalismo é a capacidade de trabalhar em equipes multifacetadas e saber utilizar as tecnologias a serviço da notícia. Uma equipe multifacetada diz respeito ao grupo de profissionais que reúne não apenas jornalistas, mas programadores e designers de conteúdo interativo. Em tempos de convergência midiática e novas tecnologias, uma equipe de jornal impresso precisa, além do tradicional repórter de texto e fotógrafo, de alguém que desenvolva vídeos e colete áudios e edite *podcasts*, assim como de um profissional que faça mais que a arte gráfica e que seja capaz de produzir *newsgames* e/ou infográficos interativos.

O trabalho em equipe deve seguir o ideal da transdisciplinaridade no momento da concepção dos projetos pedagógicos de curso e das matrizes curriculares. O atual estágio tecnológico e do jornalismo, na visão de Marques (2013, p. 35) exige a transdisciplinaridade porque

## Não se faz mais jornalistas como antigamente: reflexões sobre a formação do profissional hipermídia

a investigação jornalística em bancos de dados requer o apoio da Estatística, da Matemática e das ciências da computação; a formação de redes exige conhecimentos de Sociologia, Antropologia, Psicologia e até de Pedagogia; a administração de comentários fica muito difícil sem o apoio da Psicologia e das técnicas de relacionamento interpessoal; a produção de um blog informativo depende de um mínimo de conhecimentos sobre informática; a produção de conteúdos multimídia simplesmente seria inviável sem o apoio de disciplinas como design, produção sonora, vídeos, computação etc.

Faz-se necessário, contudo, refletir sobre a diferença de preparar um profissional multimídia ou polivalente, na acepção de Salaverría e Avilés (2008), de um multiuso. Essa questão, aliás, vai além da preocupação técnica e atinge a esfera ética da profissão, uma vez que pode gerar o aviltamento profissional em atendimento aos interesses dos empresários de mídia, além de prejudicar a qualidade dos produtos jornalísticos oferecidos à sociedade. Diante de um cenário de enxugamento das redações, ser multimídia não é trazer para si as responsabilidades de dois ou mais profissionais, mas desenvolver competências para produzir a notícia em caráter hipermídia. A polivalência é o desempenho por parte de um mesmo jornalista das destrezas necessárias para elaborar notícias em vários suportes (SALAVERRÍA; AVILÉS, 2008). Ela é resultado da adaptação do profissional ao atual estágio de convergência da mídia. Para evitar a conversão do jornalista polivalente em multiuso, faz-se necessária a formação específica e a compensação trabalhista adequada, sendo a primeira a preocupação deste artigo.

168 |

Para isso, as competências pragmáticas de um projeto pedagógico incluem o domínio de “linguagens midiáticas e processos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação”, além do domínio do “instrumental tecnológico – *hardware* e *software* – utilizado na produção jornalística.” (BRASIL, 2013, p. 4).

Além dessas interpretações acerca da legislação em vigor, este artigo ousa apontar possibilidades para a construção dos projetos pedagógicos das instituições de ensino superior. Uma delas é a orientação do desenvolvimento do TCC como um projeto experimental multimídia. Nesse caso, ainda que o estudante opte por meios e processos tradicionais, como produção de reportagem impressa, revista, programa piloto de televisão etc., apenas para

citar exemplos, é possível exigir o desenvolvimento de estratégias de convergência e interação. Se isso é a realidade nas redações atuais, em que um núcleo de produção de uma revista, por exemplo, precisa completar os textos com remissões formadas por *QR Codes*<sup>6</sup> que levam à exploração de material complementar no site do título em questão, onde se tem fotos ou vídeos, é imperativo que isso seja exercido nos trabalhos de conclusão de curso, que constituem o espaço na matriz curricular dos cursos para a experimentação de projetos.

As diretrizes curriculares orientam que os projetos pedagógicos também precisam valorizar o empreendedorismo, a fim de que os profissionais formados

sejam capazes de produzir pesquisa, conceber, executar e avaliar projetos inovadores que respondam às exigências contemporâneas e ampliem a atuação profissional em novos campos, projetando a função social da profissão em contextos ainda não delineados no presente. (BRASIL, 2013, p. 2).

Uma sugestão para cumprir essa orientação é a previsão, no regulamento das atividades complementares,<sup>7</sup> de estratégias, ou trabalhos que despertem o empreendedorismo.

Uma proposta é o incentivo à construção e gestão de blogs ou sites noticiosos, que possam atuar como oportunidades para o exercício do jornalismo dentro das editorias e áreas de interesse do estudante. Ao mesmo tempo que desenvolve o espírito empreendedor ao não depender das grandes empresas de mídia, o estudante cria um espaço para praticar, de maneira livre, o que aprende em alguns componentes curriculares. É importante salientar que

---

<sup>6</sup> Abreviatura de *Quick Response Code*, que em tradução livre do inglês significa código de resposta rápida. São códigos de barras bidirecionais que, uma vez escaneados por câmeras de celulares, permite a conversão em texto ou mesmo em uma URL, que é o endereço de um site na internet, geralmente do portal da revista, onde o leitor encontra mais informações e conteúdo interativo. Portanto, o *QR Code* é um tipo de remissão que moderniza o tradicional 'Saiba mais' ou 'Leia mais', pois adota a cultura da mobilidade proporcionada por dispositivos móveis, aproveita a característica do armazenamento infinito de dados típico da informática e permite a leitura hipertextual, isto é, não-linear. O *QR Code*, portanto, é uma estratégia de hipermídia aplicada ao jornalismo, porque permite interação e tem as características hipertextual e multimídia.

<sup>7</sup> Segundo as diretrizes curriculares, as atividades complementares são componentes curriculares extras que garantem flexibilidade ao currículo. Essas atividades constituem "componentes curriculares enriquecedores e úteis para o perfil do formando", mas não devem ser confundidas com o estágio obrigatório e nem com o TCC. Para tanto, faz-se necessário um regulamento dessas atividades para indicar os mecanismos e critérios de avaliação, atribuindo um sistema de computação para efeitos de integralização de carga horária (BRASIL, 2013, p. 7).

## Não se faz mais jornalistas como antigamente:


### reflexões sobre a formação do profissional hiperídia

essa sugestão de prática empreendedora do jornalismo em blogs próprios ou sites, ainda que majoritariamente opinativos sobre determinando nicho do conhecimento, não representam o retorno à fase do jornalismo opinativo que caracterizou o século XIX no Brasil,<sup>8</sup> quando o mesmo era direcionado a defender ideais, como o abolicionismo. É imprescindível lembrar que o jornalismo atual está na fase da interação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a forma de produzir, consumir – no caso, o produto é a notícia – e divulgar o jornalismo mudou devido às transformações na sociedade provocadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, o perfil do profissional também foi alterado. Com isso, é condição *sine qua non* que o ensino do Jornalismo seja repensado e reformulado a fim de acompanhar essas mudanças e traçar um perfil de egresso dos cursos condizente com as necessidades da comunicação digital e da sociedade em rede.

170 |

Apesar de não ser exigida a formação superior específica para o exercício do jornalismo no Brasil, como pontuado anteriormente, os cursos de Jornalismo continuam sendo oferecidos pelas instituições de ensino superior. Havendo, pois, formação universitária, é indispensável que o *zeitgeist* – o espírito do tempo, formado pelas características que marcam uma época – reflita nos projetos pedagógicos de cada instituição. Tendo em vista que o espírito do tempo moderno é formado pela tecnologia, em todas as suas nuances, os projetos pedagógicos precisam enfatizar esse contexto e a necessidade do perfil dos egressos atender essa característica do inexorável avanço tecnológico. 

## REFERÊNCIAS

ANTONIOLI, Maria Elisabete. Diretrizes curriculares e cursos de jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 4, n. 15, p. 182-197, jul./dez. 2014. Disponível em: <[www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/368/229](http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/view/368/229)>. Acesso em: 29 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. **Ensino de Jornalismo e legislação educacional**. São Paulo: L'Editora, 2006.

<sup>8</sup> Refere-se à prática do jornalismo cujas publicações defendiam algumas bandeiras, como o abolicionismo e o regime republicano. Na época, o jornalismo praticado priorizava os artigos como gênero textual e predominava a opinião em detrimento da informação objetiva.

BAIRON, Sérgio. **O que é hipermídia**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 16 de 13 de março de 2002**. Estabelece as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/cne/pdf/CES162002.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1 de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=19121&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19121&Itemid=866)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Portaria nº 203, de 12 de fevereiro de 2009. Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação - Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo. **Portal MEC**, Brasília, 12 fev. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento\\_final\\_cursos\\_jornalismo.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_final_cursos_jornalismo.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2015.

FERRARI, Pollyana. **Hipertexto, hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARQUES, Márcia. Tudo ao mesmo tempo agora: o ensino do jornalismo em cenário de permanente mudança. In: MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de (Orgs.). **Antes da pauta**: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI. São Paulo: ECA/USP, 2013. Disponível em: <[www.usp.br/cje/box/antesdapauta.pdf](http://www.usp.br/cje/box/antesdapauta.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, AS CIÊNCIAS E A CULTURA. **Modelo curricular da UNESCO para o ensino do Jornalismo**. Brasília: Unesco, 2010.

SALAVERRÍA, Ramon; AVILÉS, José Alberto García. La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. **Trípodos**, Barcelona, n. 23, p. 31-47, maio./ago. 2008. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Tripodos/article/view/118910/154114>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SIQUEIRA, Ethevaldo. O big data no jornalismo do século 21. **Observatório da Imprensa**, 9 dez. 2014. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed828\\_o\\_big\\_data\\_no\\_jornalismo\\_do\\_seculo\\_21](http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed828_o_big_data_no_jornalismo_do_seculo_21)>. Acesso em: 11 dez. 2014.